

ANTROPOLOGIA DAS IMAGENS: “supervivência” dos arquivos e imaginação dos tempos

Fabiana Bruno¹

Óscar Guarín Martínez²

É fato que nos últimos anos a imagem se transformou, não só em uma presença permanente e diária nas nossas vidas, mas também em um desafio para pensar e compreender os mundos e as existências mediadas. A extensão do “real” para além da materialidade dos rastros, que envolve a quebra de toda sincronicidade entre o que aparece e o que está ausente, entre o que já não está mais presente e o que nunca deixou de aparecer, são questões que ampliam inquietações e impõem outras perguntas desafiantes aos marcos de nossa compreensão.

O presente dossiê temático da 53ª edição da *Revista Iluminuras* “Antropologia das imagens: ‘supervivência’ dos arquivos e imaginação dos tempos” tem como proposta aprofundar os usos e as possibilidades que as imagens oferecem para pensar, de maneira não-disciplinar e em conjunto com as ciências sociais e humanas, a formulação de problemas e a proposição de outras maneiras de conceber os mundos.

O título do dossiê faz alusão a proposituras teóricas especialmente trazidas por autores dos estudos das imagens, da antropologia, da filosofia, da história e da história da arte como Aby Warburg, Georges Didi-Huberman – um dos principais exegetas de Warburg em língua francesa³ – e Etienne Samain, que no Brasil organizou o livro *Como Pensam as imagens* (2012)⁴, no qual apresenta e reflete sobre o trabalho teórico de

¹ Universidade Estadual de Campinas, Brasil. Email: fabybruno@uol.com.br
ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-2826-4628>

² Pontificia Universidad Javeriana, Colômbia. Email: guarino@javeriana.edu.co
ORCID id: <https://orcid.org/0000-0003-2475-028X>

³ A obra “A imagem sobrevivente” é resultado de uma importante pesquisa realizada por Didi-Huberman no arquivo do Instituto Warburg, hoje situado em Londres. O livro possui mais de 450 páginas e faz referências aos manuscritos de Warburg. Esta obra de Georges Didi-Huberman é a continuidade de seu trabalho iniciado com o livro *Diante do tempo* (2015), no qual também se dedica a pensar as questões teóricas trazidas por Warburg.

⁴ O livro *Como pensam as imagens*, organizado por Etienne Samain, foi publicado pela Editora Unicamp em 2012.

ambos os autores⁵. O termo ‘supervivência’ especialmente aqui é proposto com base em uma tradução que faz uma aproximação com esta noção teórica que diz respeito a evocação dessa intensa vida das imagens, a qual propõe Aby Warburg – e é retomada em muitos dos trabalhos de Didi-Huberman e Samain. Trata-se de um modelo temporal que convida a refletir sobre um tempo – fora do tempo dito histórico e cronológico – e que será chamado por Warburg e endossado por Georges Didi-Huberman (2013) como *um tempo fantasmal*. Isto é, o tempo de reaparições, de sobrevivências ou supervivências.

O termo ‘supervivência’ também foi particularmente trabalhado em um artigo intitulado “Uma antropologia das ‘supervivências’: as fotobiografias”⁶, publicado neste mesmo livro *Como pensam as imagens para pensar*, como uma retomada da reflexão de Didi-Huberman, quando trata de “survivance” das imagens. O artigo é parte de uma tese⁷ que se dedicou, com base também nestes referenciais teóricos, a construir uma metodologia de trabalho com as imagens para compor fotobiografias, montagens de fotografias vernaculares (de álbuns, caixas e guardados) e trajetórias de vida.

Estas noções teóricas vêm contribuindo para inúmeras reflexões e desdobramentos científicos e de produções teóricas e metodológicas dedicadas ao trabalho com as imagens, os arquivos, suas montagens e remontagens, nas quais se incluem as trajetórias de pesquisas dos organizadores deste Dossiê⁸. Uma concepção de imagem inspirada nas reflexões de Didi-Huberman, quando diz que “uma imagem, toda imagem, resulta dos movimentos provisoriamente sedimentados ou cristalizados nela.

⁵ Referimo-nos, particularmente, aos artigos “As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens” e “Aby Warburg. Mnemosyne. Constelação de culturas e ampulheta de memórias”.

⁶ Referimo-nos ao artigo de Bruno, Fabiana. “Uma antropologia das ‘supervivências’: as fotografias”. In: Samain, Etienne (org). *Como pensam as imagens*, SP: Editora da Unicamp, 2012, p. 91-106.

⁷ Tese de Fabiana Bruno, intitulada “Fotobiografias: intitulada “Fotobiografias: Por uma metodologia da estética em antropologia”. Doutorado. Campinas, Programa de Pós-Graduação em Múltiplos, Instituto de Artes da Unicamp, defendida em 2009, sob orientação do Prof. Dr. Etienne Samain.

⁸ Referimo-nos ao pós-doutorado de Fabiana Bruno, “Poéticas das imagens desdobradas. Ante a abertura do acervo fotográfico indígena de Etienne Samain”, sob a supervisão do Prof. Dr. Eduardo Peñuela Cañizal, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), vinculada à ECA-USP, 2011-2013, o qual propõe metodologias de trabalho com arquivos de imagens, interessada particularmente em problematizar a abertura, seleção, montagem e remontagem de imagens; e a tese de doutorado de Óscar Guarín Martínez, *La Amazonía (des)cinematografiada: 1910-1950* defendida pela Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, em 2015, sob a orientação de Susana Oliveira Dias, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). A tese propõe uma análise do cinema sobre a Amazônia, a partir da sua desmontagem e fragmentação de imagens com o intuito de fissurar seus usos e elaborar outras significações.

Esses movimentos a atravessam de fora a fora, e cada qual tem uma trajetória – histórica, antropológica, psicológica – que parte de longe e continua além dela”. (2013: 33-34).

Aby Warburg, este enigmático historiador da arte alemão, que morreu em 1929, deixou um legado singular, composto por seus projetos desenvolvidos em seu Instituto Warburg. *Mnemosyne* (a personificação clássica da memória, a mãe das nove musas) era o nome do seu principal projeto, sua biblioteca e seu Atlas, que durou a sua vida inteira e não foi terminado até o momento de sua morte. Em sua Biblioteca Warburg reuniu, além dos livros, um grande arquivo de mais 25 mil fotografias P&B, de onde ele escolheria 900 imagens que formaram os seus 79 painéis de Atlas. Uma das intenções deste Atlas era chegar a compor uma *história de fantasmas para gente grande* a partir da constante montagem, desmontagem e remontagem de imagens em um dispositivo de “painéis móveis. O famoso Atlas foi publicado em livro por editores em diversas línguas e versões e é uma obra que propõe associações entre reproduções de imagens de toda natureza – obras de arte, arquiteturas, imagens retiradas de revistas e jornais, desenhos, mapas – condensando questões teóricas deste autor sobre as imagens.

A maioria dos artigos, ensaios e resenhas, selecionados para este dossiê esteve num primeiro momento exposto aos debates realizados no contexto do grupo de trabalho proposto para a XIII Reunião de Antropologia do Mercosul, RAM, ocorrida no ano 2019, em Porto Alegre, RS-Brasil, intitulado “Conhecer por imagens: temporalidade, imaginação e arquivo”. Deve-se ressaltar que esses debates são também extensões dos interesses de pesquisas formulados por nós organizadores deste Dossiê e no âmbito dos laboratórios de pesquisas aos quais somos vinculados, o LA’GRIMA e o SENSOLAB⁹.

O GT propôs a reunião de pesquisadores interessados em refletir sobre a experiência das imagens como lugar de conhecimento, de memória e imaginação em um trabalho particular de aprofundamento com o tema dos arquivos. A partir de então este

⁹ O Laboratório Antropológico de Grafia e Imagem (LA’GRIMA) vinculado ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp é coordenado pela Profa. Dra. Suely Kofes e co-coordenado pela Dra. Fabiana Bruno. O SensoLab (Laboratório de Experimentação da Faculdade de Ciências Sociais) da Pontifícia Universidade Javeriana de Bogotá, Colômbia, é coordenado pelos professores Dra. Marta Cabrera e Dr. Óscar Guarín Martínez. O SensoLab surgiu a partir do trabalho do Grupo de Estudos Visuais, liderado pela Profa. Dra. Marta Cabrera e da experiência do Prof. Guarín, durante seu período de pesquisa no Brasil, quando participou como pesquisador do La’grima. Os dois laboratórios, LA’GRIMA e SensoLab, mantêm vínculos de trabalhos e atividades de pesquisa.

assunto foi estendido à participação de outros autores e convidados que agora se apresentam no conjunto das matérias que compõem este Dossiê: 17 artigos; três ensaios; três foto-ensaios; duas resenhas, um relato e uma entrevista.

O dossiê “Antropologia das imagens: supervivência dos arquivos e imaginação dos tempos” está estruturado em dois eixos problematizadores das imagens: “montagem de arquivos” e “imaginação dos tempos”. Ambos estão permeados por um território comum, cujo suposto é uma ampliação da própria noção de arquivo para pensar noutras formações, espécies de “arquivos de arquivo”. Escreve Assman (2011): “arquivo e pilha de lixo podem ser compreendidos acima de tudo como emblemas e sintomas da lembrança e do esquecimento culturais, e é por essa função que artistas, filósofos e cientistas se interessaram cada vez mais nas últimas décadas”. A autora ressalta ainda: “O que não pode entrar no arquivo cai no aterro sanitário; e o que for excluído do arquivo de tempos em tempos por falta de espaço acaba lá de alguma forma” (2011: 411-412).

Esboçar arquivos do não arquivado, as montagens e remontagens de arquivos são alguns dos caminhos explorados neste Dossiê. Vivemos no século XXI entre acúmulos de imagens que aos montes formam e desafiam, por um lado, arquivos empoderados, como os “arquivos do futuro”¹⁰, aqueles da ciência capazes de colonizar o porvir e o imaginário dos mundos, e por outro, os “arquivos ordinários”, que por vezes se confundem como amontoados de descartes, anônimos, “órfãos”¹¹, mas reveladores de outras histórias minúsculas e não-catalogadas. Procurar refletir por meio de pesquisas sobre o que impõem estes outros modos de gerar “arquivos” torna-se um desafio em direção a outros aportes teóricos e metodológicos de trabalho com o universo das imagens aos quais se propõe este Dossiê.

Na primeira parte intitulada “montagem de arquivos”, os artigos abordam, em um eixo transversal, as maneiras pelas quais os arquivos mais do que uma existência *per se* envolvem um gesto de produção neles mesmos. Os autores compartilham questões

¹⁰ Esta noção tem sido problematizada no âmbito do projeto “Imagens do futuro”, liderado pelos pesquisadores do SensoLab, Prof. Dr. Guarín Martínez e Profª. Dra. Marta Cabrera, com o financiamento da Pró-Reitoria de Pesquisa da Pontifícia Universidade Javeriana, de Bogotá, Colômbia.

¹¹ Este termo foi cunhado durante a pesquisa de pós-doutorado “Arqueologias da imagem: A poética do abandono nas operações de (re)montagem dos álbuns de família”, de Fabiana Bruno, vinculada ao Departamento de Antropologia, IFCH-Unicamp, 2013-2016, sob supervisão da Profª. Dra. Suely Kofes. Desde então o tema tem sido desdobrado em suas pesquisas interessadas em investigar um conjunto de problemáticas em torno do visual, em especial aqueles despertados pelos acervos de fotografias vernaculares anônimas, encontradas abandonadas em lugares de descartes, mercados de pulgas etc.

em torno da configuração do arquivo, da composição de um corpus de imagens – muitas delas com procedências desconhecidas, anônimas ou “órfãs” – para construir caminhos em torno de um pensamento “entre”, “com” e “por” imagens.

A montagem, como um modo de pensar, de fazer e de atuar, política e esteticamente com as imagens, é também o que engaja os artigos apresentados. Os autores constroem dispositivos – montagens, desmontagens, atlas, cartografias, mapas, exposições, performances, etc. – que revelam aberturas e explorações metodológicas singulares na forma do que chamaríamos de “artefatos de pensamento”¹². Isto é, produções *indisciplinadas* e *indisciplinantes* localizadas nas zonas de fronteiras entre as artes, as ciências sociais e as tecnologias. Os “artefatos” envolvem experiências de processos de criativos, com montagem/desmontagem, como procedimentos metodológicos e formas de conhecimento capazes de revelar pensamentos que nunca se concluem. Trata-se de um exercício de “pensar fazendo” na direção de maximizar os processos e deslocar a ênfase dos resultados.

O primeiro artigo, de Daniele Borges Bezerra e Cláudia Turra Magni, intitula-se “*Fotografias tumulares em uma antiga colônia de isolamento sanitário: sobrevivências de um passado em desaparecimento*” e propõe uma narrativa visual com vínculo em fotografias tumulares achadas nos arquivos do Hospital-Colônia Itapuã (Viamão/RS) para problematizar distintas questões. De um lado, interroga-se, a partir das imagens, a política sanitária de isolamento compulsório adotada nos anos 1920 para controle da “lepra”, e por outro, indaga-se sobre as memórias surgidas a partir desses vestígios como fantasmagorias “que redobram a invisibilização de presenças socialmente indesejáveis”.

O artigo de Alex Nakaoka “*Mapa visual: a (des)montagem como experimentação antropológica*”, como o próprio título sugere, propõe a construção de um dispositivo, o “mapa visual”, baseado nas fotografias produzidas pelo autor e que integram sua pesquisa etnográfica em torno das práticas da comunidade budista japonesa HBS. A reflexão procura pensar processos metodológicos para uma

¹² A reflexão sobre os “artefatos de pensamento” surgiu no âmbito do desenvolvimento do projeto “Imagens do futuro” do SensoLab (com o financiamento da Pró-Reitoria de Pesquisa da Pontifícia Universidade Javeriana, de Bogotá, Colômbia, e desenvolveu-se a partir dos intercâmbios entre os laboratórios LA’GRIMA e SensoLab, através dos quais realizou-se em Bogotá no mês de abril do 2019 um minicurso sobre Arquivos Órfãos ministrado pela Profa. Dra. Fabiana Bruno na Universidade Javeriana.

abordagem com imagens, partindo do *Atlas Mnemosyne*, de Aby Warburg. O artigo direciona-se, então, para uma reflexão sobre a montagem e a desmontagem tendo como base de partida o dispositivo do “mapa visual”, cuja navegação se oferece como um quebra-cabeça aberto aos múltiplos sentidos e às múltiplas possibilidades de exploração.

De maneira muito próxima a este suposto sobre o arquivo fotográfico está a proposta de Amada Carolina Pérez Benavides em seu artigo “*Descolonizar el archivo y el museo: imágenes intervenidas y museología social con los pueblo singa, kamëntsa y arruaço (Colombia)*”. Embasado em um estudo do arquivo fotográfico dos missionários católicos, que chegaram à Colômbia nos finais do século XIX, o artigo apresenta o processo de pesquisa desenvolvida por meio colaborativo, na qual as imagens ganham intervenções visuais em um processo de ressignificações. Essas ressignificações desafiam e abrem-se para questões que tensionam aquelas outras longamente estabelecidas: o controle dos povos indígenas, a aceitação da evangelização e a passividade diante da dominação.

Investigando a imagem e a memória, Rafael Bezzon apresenta no artigo “*Fotografia e arquivo, entre o tangível e o intangível*” uma análise acurada de conjunções subjetivas que se dão na atmosfera do mundo do arquivo. Tendo como ponto de partida seu trabalho no Arquivo Miyasaka, localizado na cidade de Ribeirão Preto, São Paulo, o autor produz um dispositivo que denomina de “encontros fotográficos” para produzir experimentações imagéticas “que objetivam sintetizar as sensações vivenciadas e construir novas possibilidades de leitura para as imagens e o arquivo”.

Um exercício produzido com base em “derivadas visuais” é proposto por Louise Maria Martins Cerqueira e Maria Angélica da Silva em “*Mergulhando em profusões: entre feiras e imagens de feiras, metodologias possíveis*”. O artigo apresenta uma reflexão em torno do acervo do Projeto de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial em Alagoas, o qual foi realizado entre 2015-2016, e resultou no registro das feiras do Estado. O texto oferece uma reflexão de caráter metodológico em torno das “derivadas visuais”, dispositivo que as autoras utilizam para explorar o universo visual das feiras.

Tendo como fontes o acervo iconográfico do Museu da Cidade do Recife e as fotografias produzidas durante o trabalho de campo, os novos cartões postais e as imagens reveladas nas narrativas de frequentadores do Bairro do Recife, Sandra Simone

Moraes de Araújo apresenta o seu artigo *Imagens e memórias do bairro do Recife*. A autora trabalha com a remontagem e o entrecruzamento de imagens antigas e atuais para produzir uma narrativa sobre as mudanças na paisagem e transformações dos usos dos lugares refletindo sobre impactos para a população local.

O artigo “*Histórias de imagens guardadas: narrativas de negritude, conflito e religiosidade na Ilha da Pintada, Porto Alegre, RS*”, de Fernanda Rechenberg, traz foco para as memórias, as narrativas e as formas de sociabilidade religiosas da rede de moradores da parte de baixo da Ilha da Pintada, localidade lacustre da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Baseado em uma pesquisa etnográfica, focalizada em acervos fotográficos, o trabalho busca compreender os conflitos e as táticas desta rede de moradores no enfrentamento cotidiano dos preconceitos raciais.

Retomando a linha de imagem e memória, o artigo de Andréa Silva D’Amato, “*Eu não alcancei este tempo. Fotografia e ancestralidade no Alto da bela Vista, Itaparica (BA)*”, propõe uma reflexão sobre a experiência de dispor as imagens para produzir encontros em torno das memórias dos moradores do entorno do terreiro Omo Ilê Agboulá e o culto aos ancestrais, Babá-Egùn. A experiência é permeada pela associação entre o fazer etnográfico e as narrativas geradas com as fotografias.

Em “*Alvorada do remo: memória, cidade e imagens*”, Cristhian Cajé e Alex Vailati elaboram uma reflexão sobre os processos de construção de narrativas sobre a memória e a história do remo em Florianópolis, a partir da análise da exposição fotográfica intitulada “A História em 100 anos. Homenagem a todos que dignificaram as cores riachuelinas”. A mostra foi construída pelos próprios riachuelos durante o ano de 2015, e o artigo propõe uma análise a partir das relações e entrecruzamentos de experiências, memórias e imagens.

A segunda parte do dossiê intitulada “imaginações dos tempos” se organiza em torno dos dispositivos e suas mediações: o cinema, os videoclipes, os gifs, o cinema expandido (que articula a experiência à sucessão de imagens) e a produção de imagens técnicas produzidas pelas modelagens matemáticas e de *softwares*. Uma carga relevante de mediações com características mais ancestrais tais como os textos, as grafias, ou ainda os rastros espalhados em formulários de migração e imagens de jornais.

As imagens como espaço da imaginação são uma abertura permanente para questões que as ultrapassam de maneiras inesperadas. A quebra do tempo, na sua

sincronia com os tempos em que foi produzida, empurra e desloca as imagens para outros tempos, que se abrem para a memória, memória do passado, e para a imaginação, memória do futuro. Pois como escreve Didi-Huberman:

“Diante de uma imagem – por mais antiga que seja – o presente nunca cessa de se reconfigurar (...) Diante de uma imagem – por mais recente e contemporânea que seja –, o tempo o passado nunca cessa de se reconfigurar (...) Diante de uma imagem, enfim, temos de reconhecer humildemente isto: ela provavelmente nos sobreviverá, somos diante dela o elemento de passagem, e ela é, diante de nós, o elemento de futuro, o elemento da duração. A imagem tem frequentemente mais memória e mais futuro que o ser que a olha” (2015: 16).

O artigo de Marta Cabrera e Óscar Guarín Martínez “*¿Existe una imagen del futuro? Sobre tiempos, imágenes, mundos otros y Antropoceno*” indaga a produção de imagens do futuro. Imagens que, embora produzidas em um tempo determinado, se engajam em tempos que não se referem mais à datação das imagens. O paradoxo do tempo das imagens do futuro, como imaginação e desejo, é manifesto em um tempo sem historicidade, fazendo com que as imagens do futuro sejam imagens do devir, mas ao mesmo tempo, repletas de passados que se anunciam em presença. O uso da tecnologia nestas naturezas de imagens anuncia-se como sua principal característica, embora a tecnologia deva ser compreendida aqui, ao mesmo tempo, como produtora e mediadora.

Como um desdobramento da relação entre tecnologia, antropologia e imagens, o artigo da Magda Ribeiro, intitulado “*Antropologia da imagem e antropologia da ciência e da tecnologia: uma reflexão atravessada pelas grafias*”, aborda a capacidade das grafias de transitar entre esses domínios diferentes. As grafias, para além das suas inscrições frequentes – desenhos, escritas, imagens fílmicas e fotográficas, obras de arte –, podem indicar outras referidas aos seus rastros. A relação entre tecnologia, antropologia e imagens, a qual propõe o artigo, enfatiza o potencial das grafias em nutrir o pensar e o fazer antropológico.

Seguindo a reflexão sobre os rastros das coisas, o artigo “*Huellas que pasan, imágenes que pesan. El imaginario-archivo de la diáspora laosiana en Argentina*” de Marcela Landazábal-Mora apresenta uma busca pela memória da diáspora laosiana na

Argentina entre 1979 e 1981. A pergunta é pelas formas em que pode ser possível procurar os rastros de uma comunidade diante dos acontecimentos trágicos da guerra de “Vietnã”. A questão conduz a autora à procura e criação de um “arquivo novo”: um imaginário-arquivo como dispositivo que possibilita recuperar essas memórias esquecidas. Revisando a criação de abordagens feitas pelas mulheres laosianas, a autora encontra uma imensa produção das imagens daquela diáspora, tecidas entre os rastros sem nomes dos formulários de migração, notas na imprensa e imagens desprendidas de toda narrativa.

O artigo de Marcia Mansur de Oliveira, “*O tempo e a memória em cena: pensando o processo de criação do documentário expandido Cine Rabeca*”, desenvolve uma interessante reflexão focalizando o processo de criação do documentário Cine Rabeca. A simultaneidade produzida pelas imagens do documentário, que reúne registros dos rabequeiros Luiz Paixão e Renata Rosa, entre os anos 1991 e 2009, e a presença deles mesmos diante das imagens projetadas, cria uma superposição de tempos e de memórias a partir dos quais os protagonistas dialogam e até discordam das imagens projetadas. O artigo evidencia nuances, que são desdobradas na reflexão, produzidas por meio dessa interação entre o presente da performance e as memórias.

No artigo “*Do cinema ao gif: apropriações e ressignificações da imagem no século XXI*”, Flóra Simon da Silva analisa a maneira pela qual as apropriações de cenas do cinema são transformadas em sequências repetitivas através dos gifs, quando se instauram como mensagens com novos sentidos visuais e derivam-se em espécies de memórias artificiais. Os gifs, dispositivos singulares que associam funcionamentos antigos – como aqueles dos giroscópios dos primórdios do cinema – aos mais novos – próprios de uma sociedade midiaticizada pelos aparelhos e as telas –, podem ser pensados como mediações tecnológicas de apropriação de novos sentidos. Esse funcionamento dos gifs pode ser contrastado com as formas em que os videoclipes, micronarrativas audiovisuais, constituem conexões simbólicas com o imaginário coletivo.

Em uma linha próxima, debruçada a pensar o cinema e as suas relações como os tempos da história, o artigo de João Paulo Campos, *Delírio fantasma ou os tempos de “Era uma vez Brasília”*, propõe uma análise das temporalidades heterogêneas manifestas no filme de Adirley Queirós (2017). Uma ótica paradoxal do anacronismo do tempo, expressa pelo diretor do filme – a Brasília do passado e os acontecimentos

políticos sucedidos em 2016 com o *impeachment* –, emerge como criação não lineal de tempos que se superpõem. Reflexão que faz pensar sobre os complexos entrecruzamentos dos tempos das imagens e dos tempos da história.

O artigo de Victoria Costa, “*Pelos caminhos da cidade: experiências de paisagens da Amazônia urbana em videoclipes*”, propõe aproximações à análise da produção audiovisual de videoclipes de músicos sediados em Belém para pensar a maneira como se constroem imagens com a Amazônia. Nesse sentido, o artigo descobre nas produções de videoclipes outras imaginações, outras memórias e percepções em torno das experiências produzidas pelos processos de urbanização.

Por fim, o artigo de Paula Grazielle Viana dos Reis, “*No horizonte há uma cosmopolítica indígena diante do antropoceno ou do capitaliceno?*”, focaliza a produção audiovisual entre os índios Apyãwa e Iny, e problematiza as condições de existência de uma cosmopolítica própria que leva em conta outras questões para além dos dilemas postos pelo Antropoceno. A análise da produção imagética dos povos indígenas traz aberturas para pensar as maneiras como as questões contemporâneas colocadas pela emergência climática têm sido longamente pensadas entre os povos indígenas.

Dois ensaios acompanham o presente Dossiê, contemplando resultados de pesquisas de iniciação científica que abordam reflexões feitas a partir do trabalho com imagens, que exploram formas de fazer, de pensar e de agir diante delas. Em “*Do campo às pranchas: experimentação de montagem com fotografias vernacurales*”, a autora Bianca de Camargo Setti, com base em fotografias de álbuns familiares coletadas na sua pesquisa de campo, explora as possibilidades de montagem e a desmontagem em pranchas inspirada no Atlas Mnemosyne de Aby Warburg. Já no segundo ensaio “*Cultura e Barbárie na exposição colonial de Nápoles em 1940*”, João Pedro Rangel Gomes da Silva realiza uma exploração visual das fotografias da construção e inauguração da exposição feitas por Federico Patellani, propondo um exercício de montagem e desmontagem em torno da narrativa oficial italiana de sua atuação colonial, especialmente por meio da Exposição colonial de Nápoles em 1940.

Este dossiê traz ainda uma série de foto-ensaios feitos por estudantes participantes do SensoLab, Laboratório de Experimentação da Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Javeriana, de Bogotá, Colômbia. “*Imágenes de*

futuro: gentrificación y otros imaginarios urbanos en el barrio Torices de Cartagena”, de Valentina Rodríguez Ayola, apresenta intervenções em imagens de *renders* arquitetônicos de projetos urbanísticos, tensionando as presenças – homens e mulheres brancos, ricos e bem-sucedidos – em contraponto às ausências dos moradores da cidade, dos bairros, em sua maioria pobres, pretos e marginalizados. “*Imaginando el agujero negro*”, de Nelsy Daniela Niño, por sua vez, faz uma reflexão em torno da “fotografia” do buraco negro, produzida por Katie Bouman, a cientista que liderou o desenvolvimento dos algoritmos que o capturaram.

O foto-ensaio de Lorena Muñoz Poveda “*La fragilidad del Self: ensayos de intervención de los untitled films stills de Cindy Sherman*” integra a forma como a autora desenvolveu sua pesquisa, a partir da intervenção nas imagens, para refletir sobre a dissolução e a desagregação do sujeito. E o foto-ensaio, de Marcela Vasco, intitula-se “*Isso será e isso foi destruído: as imagens de Bento Rodrigues no Google Street View*”. Tomando como foco principal as imagens do povoado Bento Rodrigues, em Mariana, captadas pelo *Google Street View* antes do desastre do rompimento da barragem no ano 2015, tema de sua tese de doutorado, a autora realiza uma interessante aproximação para refletir sobre este povoado desaparecido, mas que ainda permanece neste estado de “aparição” nas imagens do acervo desta plataforma digital.

O Dossiê reserva ainda um relato de viagem de Berenice Bento intitulado “*Viagem à diáspora Saaraui*”, que conta as suas experiências com a família Buyema, no Campo de Refugiados Bojador, duas resenhas de filmes e uma entrevista com as antropólogas professoras Dra. Cornélia Eckert (UFRGS) e Ana Luiza Carvalho da Rocha (UFRGS e FEEVALE), intitulada “*O gesto do arquivo*”. As professoras Eckert e Rocha foram as idealizadoras do BIEV (Banco de Imagens e Efeitos Visuais), criado em 1997 no âmbito do Laboratório de Antropologia Social (NAVISUAL/PPGAS, UFRGS). Nesta entrevista as antropólogas indagam como não se reconhecer a importância da produção científica com imagens nos dias de hoje e ressaltam que os arquivos, no contexto da disciplina antropológica, são gestos de construção de um patrimônio da humanidade e de resguardo de memórias vividas.

Desejamos que apreciem a leitura!

REFERÊNCIAS

ASSMAN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BRUNO, Fabiana. “Uma antropologia das ‘supervivências’: as fotobiografias”. In Samain, Etienne (org.). *Como Pensam as imagens*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012, p. 91-106.

BRUNO, Fabiana. “Arquivo e imagens: questões heurísticas e visuais ante à abertura do Arquivo Kamayurá de Etienne Samain”. *GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia*, 4(1), 50-72, 2019, <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2019.153568>

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente. História da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

GUARÍN MARTÍNEZ, Óscar. *La Amazonía (des)cinematografiada: 1910-1950*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP (FAPESP), 2015.

SAMAIN, Etienne. *Como Pensam as imagens*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

WARBURG, Aby. *Atlas Mnemosyne*. Madrid: Ediciones Akal, 2010. Versão alemão: 2000.